



Jornal

Exército de Oxalá

Ano 2013
AGOSTO
SETEMBRO

Propriedade: Tupomi
Distribuição: Mensal
Gratuito

IBEJI - CRIANÇAS

Pretos-velhos, Caboclos e Crianças formam a tríade da Umbanda

A Criança simboliza a infância, o desenvolvimento da vida, o seu início, a pureza, a simplicidade; O Caboclo simboliza o Adulto, o amadurecimento, a vontade, a virilidade, a força; O Preto-velho simboliza a Velhice, o amadurecimento, a sabedoria da vivencia, a humildade de quem já viveu muito, a experiencia e o conhecer das outras fases.

Quando incorporadas as Crianças vibram, o tempo todo, a energia encantada do reino a que está ligada (praia, pedreira, cachoeira, rio, mar, mata). Basta estar na sua sintonia infantil, brincando e comendo doces, que logo acontece uma limpeza espiritual.

Quantas vezes queremos mudar a nossa vida e esquecemos que se não mudarmos os nossos comportamentos e atitudes, a vida também não muda. Crianças nos ajudam e muito, a renovar os nossos comportamentos e atitudes, a começar de novo, como uma criança que começa outra vez a sua tarefa no plano material.

Crianças são espíritos infantis que nos vêm como mais velhos. Algumas têm lembranças de séculos. Para vir na Umbanda passam por um ensinamento no Astral que elas chamam de "escolinha".

Criança trabalha e muito porque é uma alegria para elas. Temos Crianças de todos os Orixás, a força Ibeji é a força infantil do Plano Encantado das Crianças. Os espíritos que se manifestam na linha das Crianças atendem pessoas, e auxiliam-nas com os seus passes, benzimentos e sua magia elemental. Tudo isto feito com alegria e simplicidade enquanto brincam com os seus carrinhos, apitos, bonecas e outros brinquedos. São tão fortes que transfiguram adultos sisudos em adultos com alegria e Paz.

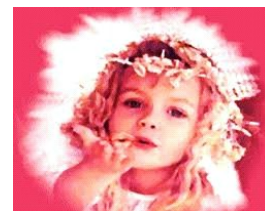
A sua presença é tão marcante que mudam o ambiente em pouco tempo, descontraindo todos os que estiverem á sua volta.

Por isso sempre que estiver numa Gira de Crianças, ouça e escute bem, porque a brincar eles dizem grandes verdades e nos transmitem e dão grandes lições



ONI BEIJADA

Texto lido no dia 11 Setembro 2011 na nossa Grande Jornada de Divulgação da nossa Umbanda no Teatro Sá da Bandeira



Índice:

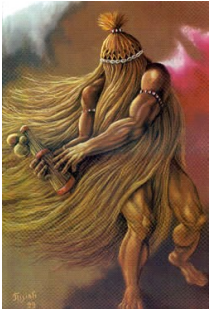
- p.1.....IBEJI - Crianças
- p.2.....Orixá do mês - Obaluaê
- P.3.....Roça de Santo
- p.4.....ser Umbandista – Parte I
- p.5.....ser Umbandista – Parte I
- p.6.....Historias da Umbanda
- p.7.....Entidades da Umbanda - Caboclo
- p.8.....Porque insistimos nas relações?



Morada: Rua João Maia nº394-A, Código Postal: 4475-643
Contactos: 91 681 38 19
E-mail: jexercitodeoxala@hotmail.com
Site: www.tupomi.pt

Obaluaiê

Na Umbanda, o culto é feito a Obaluaiê, que se desdobra com o nome de Omulu. Orixá originário do Daomé. É um Orixá sombrio, tido entre os iorubanos como severo e terrível, caso não seja devidamente cultuado, porém Pai bondoso e fraternal para aqueles que se tornam merecedores, através de gestos humildes, honestos e leais.



Nanã decanta os espíritos que irão reencarnar e Obaluaiê estabelece o cordão energético que une o espírito ao corpo (feto), que será recebido no útero materno assim que alcançar o desenvolvimento celular básico (órgãos físicos).

Ambos os nomes surgem quando nos referimos à esta figura, seja Omulu seja Obaluaiê. Para a maior parte dos devotos do Candomblé e da Umbanda, os nomes são praticamente intercambiáveis, referentes a um mesmo arquétipo e, correspondentemente, uma mesma divindade.

Um dos mais temidos Orixás, comanda as doenças e, conseqüentemente, a saúde. Assim como sua mãe Nanã, tem profunda relação com a morte. Tem o rosto e o corpo cobertos de palha da costa, em algumas lendas para esconder as marcas da varíola, em outras já curado não poderia ser olhado de frente por ser o próprio brilho do sol. Seu símbolo é o Xaxará - um feixe de ramos de palmeira enfeitado com búzios. Em termos mais estritos, Obaluaiê é a forma jovem do Orixá Xapanã, enquanto Omulu é sua forma velha. Como porém, Xapanã é um nome proibido tanto no Candomblé como na Umbanda, não devendo ser mencionado pois pode atrair a doença inesperadamente, a forma Obaluaiê é a que mais se vê.

A figura de Omulu/Obaluaiê, assim como seus mitos, é completamente cercada de mistérios e dogmas indevassáveis. Em termos gerais, a essa figura é atribuído o controle sobre todas as doenças, especialmente as epidêmicas. Faria parte da essência básica vibratória do Orixá tanto o poder de causar a doença como o de possibilitar a cura do mesmo mal que criou. Em algumas narrativas mais tradicionalistas tentam apontar-se que o conceito original da divindade se referia ao deus da varíola, tal visão porém, é uma evidente limitação. A varíola não seria a única doença sob seu controle, simplesmente era a epidemia mais devastadora e perigosa que conheciam os habitantes da comunidade original africana, onde surgiu Omulu/Obaluaiê, o Daomé.

Assim, sombrio e grave como Iroco, Oxumarê (seus irmãos) e Nanã (sua Mãe), Omulu/Obaluaiê é uma criatura da cultura jêje, posteriormente assimilada pelos iorubás. Enquanto os Orixás iorubanos são extrovertidos, de têmpera passional, alegres, humanos e cheios de pequenas falhas que os identificam com os seres humanos, as figuras daomeanas estão mais associadas a uma visão religiosa em que distanciamento entre deuses e seres humanos é bem maior. Quando há aproximação, há de se temer, pois alguma tragédia está para acontecer, pois os Orixás do Daomé são austeros no comportamento mitológico, graves e conseqüentes em suas ameaças. A visão de Omulu/Obaluaiê é a do castigo. Se um ser humano falta com ele ou um filho-de-santo seu é ameaçado, o Orixá castiga com violência e determinação, sendo difícil uma negociação ou um aplacar, mais prováveis nos Orixás iorubás.

Pierre Verger, nesse sentido, sustenta que a cultura do Daomé é muito mais antiga que a iorubá, o que pode ser sentido em seus mitos: A antigüidade dos cultos de Omulu/Obaluaiê e Nanã (Orixá feminino), freqüentemente confundidos em certas partes da África, é indicada por um detalhe do ritual dos sacrifícios de animais que lhe são feitos. Este ritual é realizado sem o emprego de instrumentos de ferro, indicando que essas duas divindades faziam parte de uma civilização anterior à Idade do Ferro e à chegada de Ogum.

Obaluaiê, o Rei da Terra, é filho de NANÃ, mas foi criado por IEMANJA que o acolheu quando a mãe rejeitou-o por ser manco, feio e coberto de feridas. É uma divindade da terra dura, seca e quente. É às vezes chamado "o velho", com todo o prestígio e poder que a idade representa no Candomblé. Está ligado ao Sol, propicia colheitas e ambivalentemente detém a doença e a cura. Com seu Xaxará, (CETRO) ritual de palha da Costa, ele expulsa a peste e o mal. Mas a doença pode ser também a marca dos eleitos, pelos quais Omulu quer ser servido. Quem teve varíola é freqüentemente consagrado a Omulu, que é chamado "médico dos pobres".

Suas relações com os Orixás são marcadas pelas brigas com Xangô e Ogum e pelo abandono que os Orixás femininos legaram-lhe. Rejeitado primeiramente pela mãe, segue sendo abandonado por Oxum, por quem se apaixonou, que, juntamente com Iansã, troca-o por Xangô. Finalmente Obá, com quem se casou, foi roubada por Xangô.

Existe uma grande variedade de tipos de Omulu/Obaluaiê, como acontece praticamente com todos os Orixás. Existem formas guerreiras e não guerreiras, de idades diferentes, etc., mas resumidos pelas duas configurações básicas do velho e do moço. A diversidade de nomes pode também nos levar a raciocinar que existem mitos semelhantes em diferentes grupos tribais da mesma região, justificando que o Orixá é também conhecido como Skapatá, Omulu Jagun, Quicongo, Sapatoi, Iximbó, Igui.

Esta Grande Potência Astral Inteligente, quando relacionado à vida e à cura, recebe o nome de Obaluaiê. Tem sob seu comando incontáveis legiões de espíritos que atuam nesta Irradiação ou Linha, trabalhadores do Grande Laboratório do Espaço e verdadeiros cientistas, médicos, enfermeiros etc., que preparam os espíritos para uma nova encarnação, além de promoverem a cura das nossas doenças.

Atuam também no plano físico, junto aos profissionais de saúde, trazendo o bálsamo necessário para o alívio das dores daqueles que sofrem. O Senhor da Vida é também Guardião das Almas que ainda não se libertaram da matéria. Assim, na hora do desencarne, são eles, os falangeiros de Omulu, que vêm nos ajudar a desatar nossos fios de agregação astral-físico (cordão de prata), que ligam o perispírito ao corpo material.

Os comandados de Omulu, dentre outras funções, são diretamente responsáveis pelos sítios pré e pós morte física (Hospitais, Cemitérios, Necrotérios etc.), envolvendo estes lugares com poderoso campo de força fluidíco-magnético, a fim de não deixarem que os vampiros astrais (kiumbas desqualificados) sorvam energias do duplo etérico daqueles que estão em vias de falecerem ou falecidos.

ATÔTÔ – (SIGNIFICA -> “SILENCIO” – “RESPEITO”)

ROÇA DE SANTO

O local onde se concentram e realizam os rituais e agrados aos Orixás.

Roça de Santo - como referencia ao período colonial em que os escravos cultuavam os Orixás ás escondidas nas roças e fazendas dos senhores do engenho.

Na roça existem distintos locais onde se concentra o Axé; Emanando as energias que protegem, encantam, equilibram e acentuam a Fé nos Orixás da Roça e colocando interiormente os visitantes.

Por isso a Roça de Santo simboliza dois ambientes: o Público e o Sagrado.

O Público será o local onde se pode fumar e beber e onde ser serve o Ajeum (refeição, comida) sendo um lugar em que é permitido maior descontração. Chamemos-lhe o nosso Quintal.

O Sagrado lugar onde se encontram os atabaques e onde é executado o Xiré do Santo, saídas e obrigações;

Local onde se guardam todos os apetrechos e vestimentas dos Orixás - Peji;

Lugar onde estão guardados todos os segredos da Roça de Santo e onde são realizadas as iniciações - Roncó;

Lugar onde se preparam todas as comidas de Santo - Cozinha de Santo;

Lugar onde ficam os Igbás e os objectos mais sagrados dos Orixás - Quarto de Santo

Somos o que somos, Orgulho de ser Filho de Nação, Omolokô...herdeiros de uma tradição que vem dos nossos ancestrais, somos Filhos do Tempo e com orgulho e Sentimento de Filhos da Gameleira Branca...

Não somos diferentes somos Povo que lutou na clandestinidade pelo culto aos seus Orixás e Hoje orgulhamo-nos da seguir os seus princípios e cultuamos os caboclos, Pretos-velhos e todas as entidades que dentro da Luz vêm organizar e ajudar a humanidade a virar-se para Deus e transformado o Mundo (um dia) num local onde o Amor seja o primeiro sentimento, somos filhos da Paz e da tolerância, porque acima de tudo amamos os nossos Orixás.

Não somos melhores nem piores dos que as outras formas de cultuar a energia Divina...temos os nossos fundamentos e cremos seriamente que o nosso caminho está trilhado para um dia as religiões Afro-Brasileiras se tornarem efectivamente como o Pai Artur nos ensina uma religião sem fronteiras universal tendo como pontos de Ligação o Povo Africano, o Povo Luso e o Povo Brasileiro transformando-a na religião de todos Afro-Luso-Brasileira.

Somos essencialmente filhos de uma Grande Senhora que nos ensina que a Umbanda de Omolokô tem o seu sentir na vida e que tudo transforma...e que sem preconceito temos os nossos fundamentos e tradições a respeitar que nos vem da Casa Mãe da qual a Mãe Elsa é a sua digna representante em Terras Lusas...Por isso eu digo...eu pertencço e sigo o culto de Omolokô e tenho orgulho em ser seu Filho...

TEO DE XANGÔ



SER UMBANDISTA

Na visão de um eterno aprendiz

(Parte I – talvez)

O que é necessário para ser Umbandista?!

Muito se escreveu já, e ainda bem. Muito irá ainda ser escrito, esperamos que sim, sobre este assunto. Tudo o que vou falar qui para frente, é resultado do pouco que li e compreendi. Outras coisas, li e não compreendi. Mas voltarei a ler, as vezes necessárias, e um dia, quando chegar a hora, eu vou entender. Sobre esta última frase, deixo uma mensagem, ou melhor, sugestão. Desistir não é opção! O meu tempo, não é o tempo dos outros! O que para uns pode acontecer muito rápido, para outros, pode demorar mais. Importante é, não desistir! Um dia vai chegar!

É o resultado também, das minhas introspecções, das minhas deambulações filosóficas sobre a minha religião e as religiões em geral. **É de suprema importância que todos entendam**, que não existe **neste humilde aprendiz**, qualquer pretensão, de mostrar que tem razão. Que possui a razão, **nem tão pouco**, que sabe ou quer parecer mais sábio que qualquer outro mortal! Nada disso! Pretende apenas, partilhar com quem quiser ler o que escreve, as suas conjecturas, opiniões, dúvidas... na verdade, todas estas opiniões, dúvidas conjecturas... encontrarão pela frente, necessariamente, opiniões contrárias, divergentes, e semelhantes noutros casos; nem tanto, ou nem em tudo noutros ainda ... O que é bom! Saudável e ao nível académico (pelo aprendizado), enriquecedor. Todas as críticas, somente na sua forma construtiva, são sempre bem-vindas. Quem não aceita crítica construtiva, mantém-se fechado, dentro das tradições, dos mitos, credices, sem vontade de mudança, de renovação, de evolução e sobretudo crescimento.

Do que já li, do pouco, (pouquíssimo eu diria) que vivi e aprendi com a religião, (2), na base, é necessário ter – **FÉ; HUMILDADE; SIMPLICIDADE; CARIDADE; RESPEITO; AMOR; VERDADE.**

Percebi que ninguém pode ser Umbandista, de vez em quando. Ser Umbandista, significa sê-lo todo o dia, todos os dias. É fácil?! Difícil! Muito difícil! Embora o necessário para o ser, sejam coisas tão simples, como as que acima enunciei! No entanto, os Homens (1) não estão habituados, a ceder; o seu lugar, a sua posição, as suas ideias, a sua forma de vida, o seu conforto, em favor de outra ou outras pessoas. É mais “confortável”, continuar a viver com as ideias que sempre tivemos, que nos foram transmitidas e ensinadas pelos pais e avó e familiares ancestrais. Mantendo assim as tradições e os mitos, credices, que conhecemos por transmissão oral ou escrita, sem questionar, sem conhecer a razão dos mesmos, por isso, sem a mais ténue vontade de mudar. “É assim porque sempre foi assim!” E assim poder seguir, mantendo o pensamento na forma estática de sempre! Seguros que se assim continuarmos nada mudará. Nada nos surpreenderá! Positiva mas sobre tudo, negativamente. Nada mudará nunca, mesmo! Mas o reverso desta medalha, é nada aprendermos, nada evoluirmos, nada alterarmos. Em nós principalmente, nos outros através da sugestão, e no mundo através da

vivência. Queiramos ou não, vivemos todos em sociedade, por isso somos influenciáveis e podemos influenciar. Cabe a cada um aceitar ou não, ser influenciado ou influenciar. Deus, deixou dentro de cada um de nós um bem precioso... **O LIVRE ARBRÍTRIO**. Ele é razão firme, indubitável que confirma que todos nós “Somos aquilo que quisermos ser. A Escolha é nossa”. Por isso, sejamos o melhor **que pudermos e quisermos** ser, todos os dias. Que cada dia sejamos melhor, nem que seja só um pouco, do que no anterior. Se assim procedermos, estaremos a mudar. Estaremos a mudar o mais importante, **nós mesmos!** E por isso a prender e a evoluir! Todo o ser humano, cometeu, comete e cometerá erros. Erros criados por si, erros copiados de outros, erros que outros copiaram e que outros ainda, copiarão! Todo o ser humano, é um ser “inacabado”! Melhor dizendo, em contínuo “acabamento” e aperfeiçoamento! Que interessa, quem errou, se errou, porque errou... não importa! Importa, **reconhecer que errou, e evitar o erro de novo!** Isso sim, é **MUITO IMPORTANTE!** Ninguém veio para cá, incumbido de julgar outrem! Não é essa a nossa função, entendo eu (2). Devemos ter sempre presente as “conversas” que temos com as Entidades. Espíritos muitíssimo mais evoluídos que nós (1), e em momento algum os ouvimos julgar alguém! Por esta razão, não devemos nós (1), seres em início de evolução, julgar quem quer seja. Orientando nosso pensamento nesta linha, podemos concluir que talvez tenha chegado a hora, de começar a mudança... **pessoal, interior em primeiríssimo lugar**. Se assim não for, como poderemos (1) almejar bons actos, boas atitudes, boas intenções, boas palavras... receber **tudo de bom** dos outros, se nós mesmos não correspondemos a esse perfil! Talvez tenha chegado a hora, de acabar com a “preguiça” de mudar. Talvez tenha chegado a hora, de guardar a estática, para outras matérias, que não seja a nossa vida. Se assim não fizermos, uma certeza temos todos; **apenas a matéria sofrerá alterações**. Alterações **biológicas apenas**, porque o tempo não pára, e a matéria, não é eterna. Sim, porque ao contrário do “tipo” de pensamento a que me referi acima – estático -, a matéria não é estática. Está em constante mudança. No entanto, ela vai ficar aqui. Mas nós seguiremos nosso caminho. Alegoricamente, costumo dizer, que a Matéria é o embrulho, o presente, é o que lá está dentro. E tal como ao embrulho, também maltratamos a matéria... por isso muitas vezes, se modifica e deteriora, mais rapidamente do que o conceito inicial da sua criação prevê.

Por isso entendo (2), que quanto mais aprendermos, quanto mais questionarmos o que está instituído, (como objectivo “académico” apenas) além de ser sinal de vontade de aprender, por isso de evoluir, será sempre um sinal de mudança. Mudar significa, recomeçar, fazer diferente do que sempre foi feito.

Quando falo na mudança, lembro-me sempre da Mãe Terra... quando nesta Terra de Deus, acontece um incêndio por exemplo, tudo fica destruído! Tudo fica triste, escuro, chega até a doer no coração só a imagem! Contudo, no dia seguinte, vai nascer o sol de novo. E a Luz do Sol, mais a água da chuva, com a ajuda da Grande Mãe (Terra) e principalmente por vontade do Grande Criador, algum tempo depois, no mesmo lugar, poderão ser encontrados novos brotos de plantas! E a Vida Renasce, tal e qual a Fénix. A mudança, sempre traz nova vida. Em qualquer sentido que apliquemos a mudança, o resultado será sempre o mesmo. Nova Vida.

(talvez continue...)

LUIZA CARVALHO



HISTÓRIA DO CABOCLO PENA VERDE

É de uma Tribo Asteca, oriunda dos Estados Unidos que veio migrando até chegar na Amazônia, onde se instalou.

Sua aparência: usava calça de couro, tinha cabelos longos e grisalhos e seu penacho, longo, tinha as cores (verde, vermelha e branca) cada cor representada um irmão.

Relatou que para um índio se tornar pagé, tinha que participar de um ritual: caçar e trazer um javali para a tribo;

Quando Pena Verde foi participar deste ritual, tinha mais um adversário, o vencedor seria quem trouxesse a presa primeiro;

Os dois saíram para a missão no mesmo dia. O seu adversário voltou no dia seguinte com um javali abatido.

Pena Verde só retornou após 30 dias, o impressionante é que ele não precisou abater o javali, durante este período ficou observando o comportamento e foi se aproximando até domá-lo. Só então retornou para a tribo. Entrou triunfante, montado no animal!

Tinha dois guerreiros que considerava seus braços, o filho e o sobrinho.

Certo dia, a sua tribo foi invadida e começou uma guerra sangrenta, Pena Verde, sentiu uma profunda dor nas costas, havia sido alvejado por uma flecha, antes de morrer, pediu a Tupã para ver quem era o autor de tamanha atrocidade. Poucos minutos se passaram e ele pode ver seus guerreiros sendo massacrados, mulheres e crianças sofrendo as maiores barbaridades, então virou-se para trás e pode ver que o seu querido sobrinho a quem tinha tanta estima e confiança era o mentor do ataque.



Para que morresse em paz, Pena Verde perdoou seu sobrinho, tirou a flecha das costas e partiu!



OGUM BEIRA MAR

Ogum Beira Mar, o escudo fiel das tormentas e dos bravos navegantes, este Orixá é o lado masculino da calunga grande, o lado da força nas demandas, cumpridor fiel da balança da justiça terrena, controla os ventos nas praias soprados por Iansã e Yemanjá, dosando cada onda quando chega a praia, os búzios deixados em seu reino (reino este que vem da sétima onda até a areia do mar), são os adereços deixados por ele, recebe-os de Yemanjá e deposita-os nas areias das praias, presenteando a todos filhos de fé, por isso peça permissão a Ogum Beira Mar para retirá-los.

Foi Ogum quem ensinou aos homens o trabalho com ferro e aço. Seus instrumentos, além da espada são: alavanca, machado, pá, enxada, faca, etc. Com os quais ajudou os homens a dominar a natureza e a transformá-la.

No sincretismo Ogum é associado a São Jorge, 23 de Abril.

Como está sempre ligado ao poder e a força, este Orixá não gosta de Ter suas ordens desobedecidas. Quando não é atendido fica irado e perde a razão e castiga àqueles que o desobedeceram, arrependendo-se depois.

A cor de Ogum é o vermelho na Umbanda e Azul no Candomblé, mas pode ser associado ao verde. Sua bebida é a cerveja branca, seu dia da semana é a terça-feira.

Este Orixá foi casado com Iansã, a Orixá dos ventos, que fugiu com Xangô. Também foi casado com Oxum, a Orixá da água doce, que abandonou Ogum para se casar com Oxossi, o Orixá das matas.

Ogum também é considerado o Senhor dos caminhos. Ele protege as pessoas em locais perigosos, dominando a rua com o auxílio de Exu, o rei das encruzilhadas e dos cemitérios (calunga pequena).

LENDA

Conta uma lenda que ao chegar a uma aldeia Ogum Beira Mar ficou furioso. Ele falava com as pessoas, mas ninguém o respondia. Isto aconteceu sucessivas vezes, e sempre que se dirigia a um morador da aldeia só tinha silêncio. Ele achou que as pessoas da aldeia estavam zombando dele e num ato de fúria usou seu poder e matou a todos que ele pensava estarem o humilhando.

Um dia ao passar por outra aldeia ele contou a um ancião o ocorrido e este lhe disse que na aldeia por onde Ogum passara as pessoas, naquela época do ano, faziam um voto de silêncio por alguns dias.

Ao saber disso ele ficou enfurecido consigo e envergonhado, foi em direção ao mar, parou e fitou seus olhos na sétima onda, e ali jurou proteger os mais fracos e todos aqueles que estivessem sofrendo injustiças, discriminações e qualquer tipo de perseguição injusta, após o juramento o mar começou a jogar conchas nas areias das praias.

CABOCLOS

Cor – Verde (variável perante a linha)

Símbolo – Arco e flecha

Pontos da Natureza – Matas

Flores – todo o tipo de folhagem

Essência – a caça e cura

Dia semana – Quinta-feira

Elemento – Terra e ar

Bebida – Vinho licoroso

Comidas - Frutos

Data comemorativa – 20 de Janeiro

Sincretismo – os índios que

Habitavam a território brasileiro.

Umbanda, religião e ciência, absorção das vibrações cósmicas que actuam sobre a natureza. Congregação de Entidades que se apresentam em formas diversas, espargindo o bem, a necessária ajuda ao ser humano. Dentre os Protectores que se agrupam em Falanges, uma se destaca notadamente pela pujança, vigor e por que não dizer, pela presteza com que se apresenta auxílio aos necessitados: a Falange dos Caboclos.

Originariamente, a palavra caboclo significa mestiço de branco com índio, mas, em nossa percepção umbandista, nos referimos aos indígenas que em épocas remotas habitaram diversas partes de nosso planeta, numa civilização aparentemente primitiva, mas na realidade de grande sabedoria. Remontando ao passado, verificamos que tudo começou no dia 12 de Outubro de 1942, quando Cristóvão Colombo chegou a Ilha de São Salvador e lá encontrando seus habitantes, deu lhes o nome de “índios”. Daquele momento até a presente data, muitas coisas aconteceram, desde a catequização iniciada naquela oportunidade, principalmente com as tribos TAINOS E ARAWAK, cujos alguns elementos foram levados para a Espanha, até meados do século passado, quando se processaram dentro do Espiritismo as primeiras manifestações espirituais, atribuídas por diversos autores a índios pele-vermelha que ainda num primitivismo procuraram uma comunicação, através de pancadas e ruídos, até então não identificados, Todavia, foi no Brasil que estes espíritos indígenas, de diferentes posições geográficas, encontraram, dentro de uma Espiritualidade, a verdadeira oportunidade de evoluírem, cada vez mais, através do auxílio prestado a nós, seres carentes de ajuda.

No Brasil sim, porque é nesse País que se pratica a Religião do século XXI, ou seja, a Religião do Futuro, a Umbanda. Todos sabemos que a Umbanda tem a sua origem nos cultos afros trazidos para o nosso continente, Principalmente pelos escravos que aqui aportaram. Todavia, nestes mesmos “cultos afros” não encontramos a presença dos Caboclos e Preto Velhos, Falanges de Espíritos que somente se apresentaram e se incorporaram como parte importantíssima à Umbanda.

Portanto, Caboclos e Pretos Velhos fazem parte da “Umbanda Brasileira”.

Nos Templos Umbandistas, nos Centros, nos Terreiros, a caridade praticada pelas Falanges acima citadas é incomensurável. É de se salientar, porém, que a Umbanda, Religião e Ciência, é praticada somente no Brasil e, assim sendo, agrupou espíritos que, embora em suas encarnações tenham vivido em outros países, espiritualmente se identificam perfeitamente na vibração, no modo de vida quando encarnados.

Assim, nas Falanges diversas de Caboclos encontramos não só os índios que habitam o nosso Brasil, mas também os que viveram nos Estados Unidos da América do Norte, os Astecas e Maias na América Central, os Incas no Peru, e demais indígenas que povoaram a América do Sul.

Falar se em Caboclo, na Umbanda, é fazer se menção a todos eles, que com denominações diversas, actuam em nossos Terreiros e que, com humildade, como muito bem recomenda a Espiritualidade, se omitem em detalhes referentes às suas vidas quando encarnados, deixando nos ávidos por conhecermos seus feitos, surpreendendo nos, muitas vezes, por captarmos entre linhas que, aquele humilde caboclo que hoje se apresenta até nós, tenha sido um Cacique de grande porte ou pagé praticante de uma alquimia, que nada fica devendo à química moderna, iremos nos reportar a diversas tribos que existiram e desapareceram num confronto com a evolução dos tempos, com o mundo moderno do homem branco, procurando analisar, dentro das limitações, a presença desses espíritos, hoje, em nossa Umbanda.

Mas a concepção de caboclo vai muito para além disso, os caboclos não enceram em si próprios o simples facto de serem uma entidade, mas são também a manifestação mais directa do Orixá de cada médium. Através de manifestações dadas por esta entidade, é possível que o orientador espiritual veja a necessidade do Orixá do médium em dado momento, sendo o caboclo, quase que, a boca do Orixá de cada filho da corrente mediúnica.

Para além disso, ainda poder-se-á afirmar que, grande parte dos caboclos vêm nas linhas de Oxossi, o rei das matas, de Xangô o rei da Justiça, e ainda, na linha de Ogum, o senhor da guerra e dos seus instrumentos forjados à ferro.



Porque insistimos nas relações?

Não vou dar a resposta a esta pergunta, porque a sua busca constitui um mistério grande, mas uma das razões, pelo menos para mim, é o anseio de amor.

Diz-se muitas vezes, que uma das razões de chegar a Umbanda é a dor, e pelo amor que se fica, esse amor muitas das vezes é intoxicante identificando todas as nossas concepções que alguma vezes imaginamos e ansiamos, que ali vamos encontrar quem nos ame e nos de o que nos faltava e que tanto procurávamos, colocamos toda a esperança e fé nas pessoas que nos rodeiam, admirando e idealizando que são pessoas que não passam pelos problemas que tanto sabíamos e sofriamos, porque vivem numa comunidade de paz e felicidade pura, de sentimentos elevados e honestos, que são pessoas que adoraria falar ou tocar pelo especial que são. Mas estas pessoas procuram tanto o amor como a outra.

Essa caminhada de amor, na Umbanda tem uma particularidade é motivada pela jornada pessoal que é necessário fazer, os seus problemas não foram resolvidos mais rápido nem mais lento que qualquer outra pessoa mas sim ao seu ritmo conforme essa mesma pessoa ultrapassa cada etapa que lhe foi destinada colocando mais uma barreira a baixo. Com isto quero dizer que a caminhada não para, que ela é continua, durante a vida, e que essa talvez seja uma das caminhadas mais difíceis, a de autocrítica, a de auto-reconhecimento, a de auto motivação, de autocontrole, basicamente o que nos faz sentir um pouco mais perto da nossa paz interior e nos faz sentir ter a capacidade de amar sem critica.

Vamos esperando que as coisas sejam de acordo com uma lei, que para nos é lógica, com uma ação e reação logica, onde identificamos o que faríamos diferente e melhor caso fosse a nossa vez, mesmo que não tenhamos esse comportamento em nossos atos, mas assim o exigimos, e sera que estamos a ser verdadeiros com outros e com nos mesmos. Não faço ideia porque não quero fazer ideia, mas acredito cada vez mais que tenho essas barreiras que são as minhas para ultrapassar.

Um dia tive a sorte de ouvir claramente por um Mestre, faz a tua parte e resto confia.

Entrei na corrente, mas estive na assistência, como acredito que foi o percurso de muitos dos meus irmãos, tive a sorte de a quem foi confiado os destinos de nosso barracão, não ter fechado a corrente não permitindo a minha entrada e de outros, ainda bem, hoje estou numa corrente com pessoas muito diferente de mim, fiz

amizades que talvez não teria as feito de outra forma, mas também tenho com amigos pessoas que pela diferença não os afastei, mas tive e tenho de aprender e me esforçar para não fazer o que seria normal noutra situação que era não os querer conhecer e virar as costas, mas aqui somos uma corrente e como tal não é esperado tudo, mas sim que haja tolerância e abertura para nos compreender e se não compreender dar o apoio e espaço necessário para que sejamos compreendidos e possamos fazer a nossa caminhada, desde o mais "alto" ao mais "baixo", sendo eu, uma pessoa que tenho os meu defeitos pesados e complicados, aqui sofri disso mesmo, sofri abertura, espaço, paciência e aceitação e por isso sou agradecido aos Guias da casa e Orixás. Ainda tenho muito para me deslumbrar, assim espero, mas aquilo que mais peço em minhas orações é que esta realidade seja uma verdade absoluta em minha vida, quer na minha família de sangue, quer na minha família de fé, quer na minha família de coração, assim como com todas as pessoas que sejam colocadas em meu caminho e eu no delas.

Espero nunca me esquecer em meu caminho, que nesta casa se abriga pessoas que na sua peregrinação buscam amor. Que para todos é uma aventura nova todos os dias, e que na jornada alguém mais sábio definiu que iríamos precisar uns dos outros e dai sermos escolhidos para formar uma corrente, uma corrente de Umbanda Omolôco e chamarmo-nos irmãos de fé, por mais que isto seja difícil para alguns, é uma realidade.

Nem sempre vou estar de acordo, nem sempre vou estar bem disposto, mas lutarei sempre para respeitar cada um dos meus irmãos de fé, e me empenhar em ultrapassar as minhas dificuldades porque ele está na minha caminhada, essa para mim é a corrente de fé, se numa pequena comunidade não praticamos, como vamos levantar a bandeira lá fora na selva.

Alexandre Gonçalves

